

Considerações sobre a constituição de corpus em Análise do Discurso

(Considerations about building data in French Discourse Analysis)

Jauranice Rodrigues Cavalcanti¹

¹ FEsTA (Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

jrodriguescavalcanti@terra.com.br

Abstract: The aim of this article is to discuss the concept of *corpus* in French Discourse Analysis, possible forms of organization and processing. In this regard, we recall Courtine and Maingueneau's studies, which indicate interesting procedures. We also mobilize the notion of discursive formula, as proposed by Krieg-Planque (2010), in order to trace the course of the expression "*faxina da Dilma*", the possibility of using it as an entry in a corpus comprising journalistic texts whose theme was Dilma Rousseff's first mandate. The results point to the importance of the notion of path (and also discursive formula) when it comes to building up and examining a *corpus* in AD.

Keywords: Discourse Analysis, data, path, discursive formula, *faxina da Dilma*.

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a noção de *corpus* em Análise do Discurso de linha francesa (AD), formas possíveis de sua organização e tratamento. Para isso retomamos os trabalhos de Courtine (2009) e Maingueneau (2006) que refletem sobre a questão apontando caminhos interessantes para os analistas. Mobilizamos também a noção de fórmula discursiva, proposta por Krieg-Planque (2010), a fim de analisar o percurso da expressão *faxina da Dilma*, a possibilidade de tomá-la como "entrada" em um *corpus* constituído de textos jornalísticos que tratavam da atuação da presidente Dilma Rousseff nos primeiros anos de seu mandato. Resultados apontam a produtividade da noção de percurso (e de fórmula discursiva) na montagem e tratamento de *corpus* em AD.

Palavras-chave: análise do discurso, *corpus*, percurso, fórmula discursiva, *faxina da Dilma*.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre a noção e a constituição de *corpus* em Análise do Discurso de linha francesa (AD). De uma predominância do discurso político e de procedimentos de análise que acabam por elidir o caráter heterogêneo e contraditório das seqüências discursivas reunidas, esse campo de saber se volta para outros tipos de discurso e de procedimentos que visam a desvelar a presença de elementos de um discurso em outro.

A reflexão centra-se nos trabalhos de Courtine (2009) e Maingueneau (2006). Desse último, retomamos o conceito de percurso, uma unidade não tópica de análise segundo o analista, a fim de abordar a noção de fórmula discursiva, tal como aparece em Krieg-Planque (2010). Por fim, apresentamos uma breve análise da expressão *faxina da Dilma*, de sua emergência e circulação.

Sobre a constituição de *corpus*

Em Courtine (2009)

Para tratar de *corpus* em AD, sem dúvida é necessário recorrer ao trabalho de Courtine, que investiga o discurso comunista dirigido aos cristãos. Ao propor uma redefinição da noção de *corpus* discursivo, o autor problematiza as formas mais comuns de organizar os *corpora* em AD, apontando o que considera a impossibilidade de identificar, no material pesquisado, o efeito das contradições ideológicas de classe.

Courtine (2009) define *corpus* como um conjunto de sequências discursivas orais ou escritas de dimensão superior à frase, extraído de um campo discursivo que, no caso de seu trabalho e de analistas contemporâneos a ele, restringe-se aos discursos produzidos por órgãos de imprensa ou porta-vozes de partidos políticos da esquerda francesa. Como afirma, “há discursos que jamais serão objeto de análise alguma, outros, ao contrário, pelos quais os analistas do discurso são ávidos” (COURTINE, 2009, p. 55).

Em relação aos critérios de constituição de *corpora*, Courtine retoma as exigências de exaustividade, de representatividade e de homogeneidade presentes nos trabalhos de Gardin e Marcelessi (1974¹ apud COURTINE, 2009). A primeira prescreve que não se deve deixar na sombra nenhum fato discursivo que “incomode o pesquisador”; a segunda, que não se deve formular uma lei geral a partir de um fato constatado uma única vez. As duas exigências, lembra Courtine (2009), assim como a terceira, provêm daquelas encontradas na linguística descritiva, o que leva o autor a considerar a necessidade de uma apreciação especificamente discursiva desses critérios.

Sobre o critério de homogeneidade, Courtine considera que este se realiza na constituição de *corpus* discursivo em AD (mesmo em tratamentos contrastivos) sob o postulado de homogeneidade ou de coerência discursiva, mas que constitui um obstáculo à perspectiva que defende, qual seja, a que concebe o discurso como uma unidade heterogênea, dividida em relação a ela mesma. Como sabemos, o trabalho de Courtine rompe com a ideia de que as formações discursivas seriam blocos compactos, sem quaisquer relações com outros discursos.

Obedecendo a esses critérios, as sequências discursivas são reunidas e organizadas de acordo com um plano que lhes confere uma dada forma, uma forma de *corpus*. Courtine (2009) apresenta diferentes possibilidades de organização (uma sequência discursiva/várias sequências, sequências produzidas a partir de posições ideológicas homogêneas/heterogêneas, sequências produzidas em sincronia/diacronia), destacando as dominantes em AD, a saber, as que privilegiam uma perspectiva contrastiva e um agrupamento sincrônico. O autor critica principalmente essa última dominância, pois desta, segundo ele, decorre o esquecimento do interdiscurso e o apagamento das condições históricas de produção dos discursos, o que não ocorre na análise que empreende.

Retomando as propriedades de enunciado dadas por Foucault em *Arqueologia do Saber* (2002), em especial a de que o enunciado tem um domínio associado (o que permite dizer que ele entra em uma rede interdiscursiva de formulação), Courtine propõe

¹ GARDIN, B.; MARCELESI, J. B. *Introduction à la sociolinguistique*. Paris: Larousse, 1974. (Coll. Langue et langage).

chamar de enunciados (E) os elementos de saber próprios a uma formação discursiva (FD), concebendo o enunciado como “uma forma ou um esquema geral que governa a repetibilidade no seio de *uma rede de formulações*” (2009, p. 100, grifo do autor). Essa rede constitui, assim, o conjunto de formulações possíveis de um E, remetendo à sua dimensão interdiscursiva (vertical como denomina Courtine).

Nos termos de Courtine, uma sequência linguística é uma reformulação possível de um E, lugar de materialização (horizontalização) dos elementos de saber de uma FD, configurando a dimensão do intradiscurso. O analista deve selecionar as sequências a serem tomadas como ponto de referência (sdr), a partir do qual os elementos do *corpus* e seu conjunto serão organizados. No caso de sua pesquisa, o *corpus* é constituído por um conjunto de discursos dirigido aos cristãos, no período de 1936 a 1976, pelo Partido Comunista Francês, reunindo sequências discursivas dominadas pela FD comunista, tomada como FD de referência.

No entanto, como mostra Courtine (2009), as sequências que pertencem à FD católica não desaparecem quando da organização do *corpus*, uma vez que se encontram presentes, mesmo que de forma dissimétrica, nas sequências que provêm da FD comunista. Dessa forma, ao contrário do que se praticava na época em AD, Courtine reúne um *corpus* que representa um único processo discursivo, constituído de posições ideológicas contraditórias.

No que diz respeito à definição das entradas no *corpus*, Courtine (2009) também se afasta de análises que privilegiavam uma lista de termos-pivô, ou mesmo daquelas do tipo “harrissiano ampliado”, sobre as quais o estudioso aponta inúmeros problemas. Escolhe, então, formulações em que é possível identificar a ocorrência de estruturas sintáticas que correspondem às estruturas de frase *É...que* (tais como “*É a classe operária que garante a produção de bens materiais*”), como também a certas formas sintáticas a elas relacionadas.

Sem dúvida, o trabalho de Courtine é um marco na AD, tanto do ponto de vista teórico como metodológico. Em relação a esse último, ressaltamos a reunião do *corpus* levando em conta a dimensão diacrônica dos discursos, o processo discursivo tomado como heterogêneo e também a opção por adotar estruturas sintáticas como “entrada” no material reunido.

Em Maingueneau (2006)

Mesmo não tendo por objetivo discutir formas de reunir *corpus* em AD, Maingueneau (2006) aborda de forma indireta a questão ao tratar do conceito *formação discursiva*, de seu interesse e de sua possível aplicabilidade. Assim, aponta as unidades com as quais um analista do discurso pode operar, a saber, as unidades tópicas e as unidades não tópicas. Nas primeiras, Maingueneau (2006) inclui as unidades territoriais, que correspondem a espaços pré-delineados pelas práticas verbais, como tipos de discurso (político, religioso etc.) e gêneros de discurso (panfleto, sermão etc.). O analista ressalta que a noção de tipo é heterogênea uma vez que se trata de um princípio de agrupamento que pode corresponder a duas lógicas distintas: a de copertencimento a um mesmo aparelho institucional e a de dependência a um mesmo posicionamento.

No primeiro caso, trata-se da interação de gêneros de discurso diversos em um mesmo aparelho, o hospital, por exemplo, “lugar”, onde se produzem e circulam os gêneros consultas, receitas, reuniões de trabalho etc. Já a dependência a um mesmo posicionamento, como o próprio nome diz, consiste no agrupamento de gêneros em dois níveis: o do posicionamento e o do campo abrangido por um posicionamento. Se se tratar do discurso do partido político X, agrupam-se diversos gêneros “produzidos por um posicionamento determinado no interior do campo político (jornal, panfletos, programas eleitorais etc.)” (MAINGUENEAU, 2006, p. 15). É importante lembrar que a noção de posicionamento é utilizada por Maingueneau (2006) para se referir a uma identidade discursiva forte, diferindo, pois, da noção de posição tal qual aparece nos trabalhos de Pêcheux, que se inscreve no espaço da luta de classes.

Nas unidades territoriais se inserem também as unidades transversas, que atravessam textos de múltiplos gêneros de discurso. Maingueneau (2006) as considera como *registros*, definidos a partir de critérios linguísticos, funcionais e comunicacionais. Os primeiros, lembra o analista, são frequentemente definidos sobre bases enunciativas, sendo a mais recorrente aquela proveniente da distinção entre história e discurso estabelecida por Benveniste. Quanto aos critérios funcionais, Maingueneau (2006) destaca o esquema das seis funções de linguagem de Jakobson, mas ressalta que não se trata do único existente. Já os critérios comunicacionais combinam traços linguísticos, funcionais e sociais permitindo apreender unidades como o discurso didático, o discurso cômico etc., que podem atravessar diferentes gêneros de discurso.

Ao contrário das unidades tópicas, as não tópicas são construídas pelos pesquisadores independentemente de fronteiras preestabelecidas. Além disso, Maingueneau ressalta que “elas agrupam enunciados profundamente inscritos na história” (2006, p. 16), o que as distingue das unidades transversas. O analista divide as unidades tópicas em formações discursivas e percursos. Em relação às primeiras, menciona como unidades o discurso racista, o discurso colonial e o discurso patronal, a que correspondem *corpora* que podem ser constituídos por “um conjunto aberto de tipos e de gêneros de discurso, de campos, de aparelhos e de registros” (MAINGUENEAU, 2006, p. 16).

Maingueneau considera que a noção de formação discursiva convém a esse tipo de unidade uma vez que, mesmo implicando a construção de *corpora* heterogêneos, permite agrupar textos de múltiplos gêneros que podem ser reunidos em um nível superior por um único foco. Em se tratando do discurso racista, uma das unidades referidas por Maingueneau, isso significa que se pode apreender, nos diversos textos reunidos, “a onipresença de um racismo inconsciente que governa a fala dos locutores” (2006, p. 17), caso que ilustra uma formação discursiva unifocal.

Para exemplificar a formação discursiva de tipo plurifocal, Maingueneau (2006) lança mão de uma de suas pesquisas que, tendo por objetivo investigar a relação entre europeus e “indígenas” de regiões “exóticas” (ao final do século XX), reuniu textos que foram por ele distribuídos em dois conjuntos: romances e manuais escolares. Maingueneau afirma que ambos tinham uma visão educativa, mas não eram relativos ao mesmo tipo de discurso, não veiculavam a mesma ideologia, isto é, não “constituíam a manifestação de um mesmo princípio escondido” (2006, p. 17), suas diferenças não eram anuladas por um único foco.

Dessa forma, Maingueneau (2006) defende que a noção de formação discursiva, que sofreu um declínio acentuado na AD praticada por analistas franceses nas últimas décadas, pode ser produtiva se utilizada pelos pesquisadores como uma forma possível de constituição de *corpora*. Ressalta que para isso é preciso levar em conta o caráter agentivo do termo *formação*: não se trata de um conjunto já dado, mas sim de uma configuração original a que o pesquisador, em função de sua pesquisa, dá forma.

É importante ressaltar que operar com uma formação discursiva unifocal não implica homogeneizar o *corpus*, como faziam os trabalhos que receberam duras críticas de Courtine. Pensar nesses termos seria considerar que a proposta de Maingueneau mobiliza uma noção de formação discursiva que apaga as contradições, a heterogeneidade que a constitui. Consideramos mais acertado pensar na “dominância” (e não na exclusividade) de um posicionamento (o discurso racista, por exemplo) nos textos a serem reunidos e trabalhados pelo pesquisador.

Por último, Maingueneau apresenta os percursos (também unidades não tópicas), que são redes de unidades diversas (lexicais, proposicionais, fragmentos textuais) extraídas do interdiscurso. Há os de tipo formal (um tipo de metáfora, de discurso relatado, de derivação sufixal etc.) e os fundados sobre materiais lexicais ou textuais. Nesse último tipo, Maingueneau (2006) inclui as pesquisas de Krieg-Planque (2010) sobre fórmulas discursivas; trabalho que nos interessa aqui discutir.

A noção de fórmula discursiva

Sem dúvida, o trabalho de Krieg-Planque (2010) é leitura obrigatória para analistas que se propõem a investigar palavras/expressões, os diferentes sentidos a elas atribuídos quando se observa seu percurso, sua circulação por diferentes campos e formações discursivas. Antes de apresentar sua pesquisa, a autora retoma os trabalhos de Faye e de Fiala e Ebel,² esse último a respeito de duas unidades lexicais – *dominação estrangeira e xenofobia*.

Krieg-Planque (2010) lembra que Fiala e Ebel utilizam a noção de fórmula recorrendo à pesquisa de Jean-Pierre Faye, noção que será por eles precisada e definida. É o próprio Fiala, como lembra Krieg-Planque (2010), que fica encarregado da redação do verbete “fórmula” para o *Dicionário de Análise do Discurso*, coordenado por Maingueneau e Charaudeau (2002). A fórmula é definida como semelhante a um referente social, isto é, um signo que quer dizer alguma coisa para todos do espaço público em um dado momento. Assim, as unidades lexicais pesquisadas por Fiala e Ebel são tomadas por referentes sociais porque nos anos 1960-1980 na Suíça, período investigado pelos analistas, qualquer locutor sabia de que tratavam.

Vimos que, ao refletir sobre as formas típicas de *corpus* em AD, Courtine (2009) aponta a sua relação com a categoria de contradição, criticando trabalhos que não conseguiriam identificar no material pesquisado o efeito das contradições ideológicas de classe. Dentre as pesquisas citadas, está a de Fiala e Ebel. Courtine destaca que, ao

²F FAYE, Jean-Pierre. *Théorie du récit*. Introduction aux “langages totalitaires”. Paris: Hermann, 1972. FIALA, Pierre; EBEL, Marianne. *Langages xenophobes et consensus national en Suisse/1960-1980: discours institutionnels et langage quotidien; la médiatisation des conflits*. Neuchâtel: Faculté des Lettres, 1983.

contrário de outros por ele mencionados, o trabalho dos pesquisadores postula que não apenas as condições de produção dos discursos determinam efeitos de sentidos diferentes, mas também sua circulação, seus encontros. Embora Courtine não faça comentários a respeito, consideramos que Fiala e Ebel dão um passo importante em relação ao que se praticava na época quando elegem a análise das condições de *circulação* dos discursos (e não apenas de sua produção), sua dispersão.

Courtine (2009) reproduz vários trechos do trabalho de Fiala e Ebel, nos quais se apresenta a definição de fórmula e a de referente social. Para o autor, as “formulações” apresentam a vantagem de lembrar que os discursos não são “entidades separadas”, mas permanecem em contato, o que pode ser atestado por sua circulação. No entanto, Courtine aponta o risco de a noção de referente social desembocar em uma concepção hegemônica de circulação, em que “as fórmulas, como peças de moeda passando de mão em mão, receberiam o mesmo valor” (2009, p. 68), o que levaria à constituição de discursos produzidos a partir de posições ideológicas hegemônicas, perspectiva que, segundo ele, dissolveria as contradições ideológicas de classe.

Parece-nos que os trechos que Courtine (2009) retira das reflexões de Fiala e Ebel já respondem à sua objeção na medida em que afirmam que a noção de referente social não exprime homogeneidade, e lembram que as fórmulas são objeto de lutas. A crítica de Courtine explica a insistência dos autores em ressaltar o caráter polêmico, constitutivo da fórmula, o que é lembrado por Krieg-Planque (2010) em seu trabalho.

Prosseguindo em suas considerações sobre a pesquisa de Fiala e Ebel, a autora afirma que os pesquisadores apontaram manifestações do caráter de referente social da fórmula *dominação estrangeira/xenofobia* na paráfrase e em sua circulação. A primeira pode ser atestada em enunciados como “Os estrangeiros são uma carga pesada para nossas instituições sociais”, que comprovam a existência de um tema que cristaliza a fórmula; a segunda, em sua “produtividade lexicológica”, reveladora de que se tornou uma “passagem obrigatória de discursos” (KRIEG-PLANQUE, 2010).

Avançando em relação ao estudo de Ebel e Fiala, Krieg-Planque propõe “circunscrever o objeto fórmula por meio de suas principais propriedades” (2010, p. 61), quais sejam, o caráter cristalizado, o caráter discursivo, o caráter de referente social e o caráter polêmico. Note-se que dois dos traços apontados já haviam aparecido na pesquisa de Fiala e Ebel (referente social, caráter polêmico), mas a autora volta a eles com novas categorias de análise que permitem abordá-los de forma mais refinada. Vamos discorrer sobre a proposta de Krieg-Planque (2010) apresentando uma pesquisa que desenvolvemos.³

A faxina da Dilma: uma fórmula discursiva?

Ao decidirmos investigar o tratamento dispensado pela mídia (jornais de referência de São Paulo) ao governo Dilma Roussef nos primeiros anos de seu mandato, os discursos sobre o governo Dilma no período, pareceu-nos pertinente montar um *corpus* e analisá-lo levando em conta a noção de percurso, uma unidade não tópica de análise, como propõe Maingueneau (2006). Isso porque constatamos a recorrência da expressão *faxina da Dilma* nos “debates públicos” contemporâneos à realização de nossa

² “Produção e circulação de sentidos nas mídias contemporâneas”. CNPq, processo n. 401485/2011.

pesquisa, levando-nos a eleger a expressão como uma candidata a fórmula discursiva. O referido período, sobretudo o primeiro ano, é marcado por medidas tomadas pela presidente, como a substituição de ministros e altos funcionários do governo, que repercutiram nas mídias como um todo. Tomando por base as reflexões de Krieg-Planque (2010), passamos a observar a expressão, objetivando verificar se se tratava de uma fórmula discursiva.

Em primeiro lugar, procuramos verificar nos textos reunidos (de diferentes gêneros de discurso) se a expressão apresentava um caráter de cristalização. Essa propriedade implica que a fórmula seja sustentada por uma forma significativa relativamente estável que permita identificá-la com uma materialidade linguística particular. Krieg-Planque (2010) ressalta que da necessidade de identificação não deve decorrer uma atitude de análise orientada por um “formalismo absoluto”. Isso porque, como mostrou o trabalho de Fiala e Ebel, a fórmula também existe através de múltiplas paráfrases que ela cristaliza. Além disso, pode ter variantes, que podem corresponder a simples modificações morfológicas ou morfossintáticas, no caso de uma mesma série lexical, ou a operações de comutação (das quais se originam novos sintagmas), no caso de sequências superiores a uma unidade lexical simples.

Em relação à expressão *faxina da Dilma*, percebemos que ela condensava o tema “combate à corrupção”, podendo ser encontrada em paráfrases como “apoio para que ela [presidente Dilma] continue a limpeza e o combate à corrupção”. Além disso, percebemos algumas variantes da expressão (*faxina ética*, *limpeza ética*, *faxina contra corrupção*) que não chegavam a comprometer o caráter estável da fórmula.

Ainda no que diz respeito à cristalização, Krieg-Planque observa que essa propriedade implica concisão, que permite não apenas a circulação da fórmula, sua propagação para “outros quadros”, como também “seu funcionamento como lugar-comum do debate, como significante partilhado” (2010, p. 74). Como mostraremos mais à frente, a expressão *faxina da Dilma* se propagou para outros campos discursivos e configurou-se, no período por nós investigado, como um “índice de reconhecimento” que possibilitava reconhecer a posição ideológica de quem a empregava.

Krieg-Planque ressalta que levar em conta a forma da expressão é fazer uma escolha no que concerne à análise lexical, “é levar a sério cada lexema, considerando-o como um corpo singular irreduzível, considerando que esse corpo se parece com outros corpos que fazem pensar nele” (2010, p. 80). No caso de *a faxina da Dilma*, constatamos que se trata de uma expressão que evoca uma memória no interior do campo político, uma vez que há nela um “parentesco nocional” com o símbolo da *vassoura* que marcou a campanha presidencial de Jânio Quadros.

A segunda propriedade da fórmula proposta por Krieg-Planque é seu caráter discursivo. De acordo com a autora, a fórmula não é uma noção linguística, mas discursiva, isto é, ela “não existe sem os usos que a tornam uma fórmula” (2010, p. 81). Seguindo os traços de *a faxina da Dilma*, observamos sua presença na fala de diferentes atores políticos, que se pronunciavam sobre o governo Dilma e sua reforma. O caráter problemático da expressão pôde ser constatado desde sua emergência: havia aqueles que defendiam a faxina; outros que chegavam a questionar sua existência. Assim, pudemos constatar que em 2011, primeiro ano de mandato da presidente, a expressão *faxina da Dilma* circulou no espaço público como objeto de questionamentos.

Da mesma forma, observamos o retorno da expressão no decorrer de 2013, quando ocorre a “volta dos faxinados”, período marcado pela readmissão de políticos que haviam sido afastados do governo e pelo encerramento de investigações sobre casos de corrupção. As seguintes manchetes, ambas do periódico *Folha de S. Paulo*, ilustram a reparação da fórmula: “Após 18 meses, faxina de Dilma deu em nada” (18/3/2013), “Ministro afastado em ‘faxina’ de Dilma comemora fim de investiga es” (06/08/2013).

De acordo com Krieg-Planque (2010), o caráter de referente social e o caráter discursivo são duas propriedades interdependentes da fórmula. A no o de referente social, retomada do trabalho de Fiala e Ebel, traduz o aspecto dominante da expressão em determinado período/espaco sociopolítico. Nas palavras da autora: “como referente social, a fórmula   um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 92).

A “notoriedade do signo” pode ser indiciada, por exemplo, pelo aumento da frequência de uso da expressão. Quanto   nossa pesquisa, em seu início, encontramos, no sistema de buscas do Google, 395.000 resultados quando inserida a expressão *faxina da Dilma* na ferramenta de busca. Sem d vida, a existência de tais ferramentas facilita o trabalho do pesquisador, mas   importante lembrar o papel da interpreta o na constru o do *corpus*. Sobre isso, Krieg-Planque (2011) faz observa es interessantes, chamando a aten o para o fato de não se poder considerar qualquer apari o da expressão como ocorrência da fórmula. A pesquisadora emprega a no o de “interpretante razoável” para fazer referência ao pesquisador, a como deve ser sua “aproxima o” em rela o ao *corpus*: “nem inteiramente invadido pelo já-dito de toda palavra [...] nem inteiramente preso aos grilhões do dicionário e da gramática mais tradicional” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 30).

Afirmar que a fórmula   um signo conhecido de todos, implica, também, segundo Krieg-Planque (2011), que ela pode ser atestada em variados tipos de discurso, que sejam múltiplos os lugares de sua emergência. Foi o que constatamos com a expressão *faxina da Dilma*, que, em seu percurso, migrou para outros campos, o campo do humor, por exemplo. As charges abordando a “faxina da Dilma” proliferaram, assim como textos de humor que tratavam do tema da corrup o no governo Dilma e sua “limpeza”. Abaixo aparece um exemplo.



Figura 1. Fonte: *Jornal da Besta Fubana*⁴

Como referente social, a fórmula constitui-se como “uma passagem obrigatória de discursos”, passagem que pode ser observada em manifestações discursivas que revelam uma “imposição da problemática” nos termos de Krieg-Planque 2010?). Quando analisamos o percurso da fórmula *faxina da Dilma* verificamos que os atores do cenário político eram instados a se pronunciar sobre medidas contra a corrupção, alinhando-se ou não em relação à “faxina ética”. No principal partido de oposição, os políticos o faziam de forma reiterada, como mostram as seguintes manchetes: “Alckmin defende que „faxina” seja permanente” (*O Estado de S. Paulo*, 25/08/2011), “Faxina de Dilma „é fachada”, acusa líder tucano” (*O Estado de S. Paulo*, 14/09/2011).

Por último, Krieg-Planque (2010) discorre sobre a quarta propriedade constitutiva da fórmula, seu caráter polêmico. De acordo com a pesquisadora, “é porque constitui um problema, [...] porque é portadora de um valor de descrição dos fatos políticos e sociais, que a fórmula é objeto de polêmicas” (2010, p. 100). De fato, constatamos que a *faxina da Dilma* configurava-se como uma expressão que nomeava e descrevia o que seria o combate à corrupção no governo Dilma.

Krieg-Planque (2010) destaca como uma das realizações do caráter polêmico da fórmula a recusa de seu proferimento. A análise do percurso da fórmula por nós investigada constatou que os políticos do Partido dos Trabalhadores (PT) e a própria presidente Dilma recusavam-se a usar a expressão, contestando a ideia de que haveria uma limpeza no governo, por conta de tal admissão implicar a assunção de que o governo anterior (do presidente Lula) havia sido complacente com a corrupção, havia deixado “sujeira” para o seguinte limpar. Esse “perigo” é explicitado em “Petistas temem que „faxina” de Dilma carimbe gestão de Lula como „corrupta””, manchete de uma das matérias do *Estadão* (18/08/2011).

Assim, a recusa ao proferimento da fórmula *faxina da Dilma* revela o embate em torno da existência do próprio referente: para os políticos da oposição havia uma faxina ética; para os do governo, não havia. Isso nos permitiu constatar que o discurso socio-político é “um discurso que elabora dicionários, nos quais as fórmulas são construídas como novas entradas ou como novos sentidos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 104). O

⁴ Disponível em: <<http://www.luizberto.com/deu-no-jornal/faxina-de-araque>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

dicionário da oposição apresenta uma entrada para *faxina da Dilma*, o dicionário do PT, não.

Dentre os resultados a que chegamos no final da pesquisa, destaca-se a produtividade da noção de percurso no que concerne à montagem e ao tratamento de *corpus* em AD. O mesmo se aplica à noção de fórmula discursiva, que permite não apenas uma entrada no *corpus* selecionado, mas também sua análise, na medida em que a noção se sustenta em um consistente quadro teórico. Em relação à pergunta que abre esta seção, entendemos que a expressão *faxina da Dilma* apresentava as quatro propriedades elencadas por Krieg-Planque (2010); no entanto, o mais interessante não é verificar se uma dada expressão é ou não uma fórmula discursiva, mas apreender os caminhos que percorre no interdiscurso. Em outras palavras, traçar a história de sua emergência e o “mapa” de sua circulação.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos considerações de Courtine (2009) e Maingueneau (2006) acerca da constituição de *corpus* em AD. A partir delas, expusemos o quadro teórico-metodológico no qual se fundamenta o trabalho de Krieg-Planque (2010) sobre fórmulas discursivas. Aproveitamos para apresentar e exemplificar as quatro propriedades constitutivas de uma fórmula, elencadas por Krieg-Planque (2010), com dados de uma pesquisa que procurou analisar os discursos sobre o governo Dilma Rousseff. Nessa pesquisa, selecionamos a expressão *faxina da Dilma* para montar o *corpus* e também para analisá-lo. A escolha mostrou-se produtiva uma vez que verificamos que essa expressão, explicitada ou silenciada, faz parte da história do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff.

REFERÊNCIAS

- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Vanice Sargentini (Org.). São Carlos: EdUFSCar, 2009. 250 p.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- KRIEG-PLANQUE, Alice. *A noção de “fórmula” em análise do discurso*. Quadro teórico e metodológico. Tradução de Luciana Salazar e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 143p.
- _____. Fórmulas e lugares discursivos: propostas para a análise do discurso político. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-40.
- MAINGUENEAU, Dominique; CHAREADAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução de Fabiana Komesu (Org.). São Paulo: Contexto, 2002. 555p.
- _____. *Cenas da Enunciação*. Tradução de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Org.). Curitiba: Criar edições, 2006. 181p.